

# A importância da pesquisa na *minha dança*<sup>1</sup>

José W Júnior<sup>2</sup>

## A pesquisa

Começamos esse processo investigativo provocando alguns encontros para descobrir qual “pergunta” motivaria os procedimentos que propomos em nosso projeto. Em um desses encontros, descobrimos a necessidade de desvendar alguns procedimentos utilizados para a construção da aula barra-solo que eu tinha apreendido com a coreógrafa e bailarina francesa *Marianne Isson*, durante três anos, no centro de sua companhia, na cidade de Caen – Baixa Normandia / França e que, até então, só desconfiávamos de onde cada grupo de exercícios havia sido retirado e quais reflexões nutriram os conceitos implícitos neles.

Ressonância, ondulações, oposições, movimento fluído e contínuo, a utilização de um apoio que libera uma ou várias partes do corpo, peso, isolamento das partes e circulação são alguns dos artefatos utilizados na aula, combinados a grupos de exercícios de outras técnicas de dança e educação somática, que nos deram pistas para qual direção iríamos tomar e como poderíamos iniciar nossa investigação. Essa foi a primeira leitura que se fez da aula, intitulada, pela coreógrafa, de Barra-solo/Qualidade. Portanto, como se tratava de um procedimento investigativo do movimento em processo, a abordagem sobre o corpo que me chamou a atenção foi o estudo do esqueleto humano e seu sistema de alavancas (articulações), a fim de construir um corpo predisposto à ação do movimento criativo.

Ainda sem entender como aplicar de modo criativo essa aula que, ao longo de três anos, se inscreveu no meu corpo, decidi me aventurar, criando e coreografando. No início, o processo criativo era instintivo e pouco consciente. Com essa observação não quero afirmar que o instinto não faça parte e não seja significativo para realização de uma criação, mas sim que corrobora com ela, e que

---

<sup>1</sup> Ensaio produzido para a pesquisa prática *Pele e Ossos*, da Cia. Etc., através do Prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna, realizada entre janeiro e junho de 2008.

<sup>2</sup> Bailarino e coreógrafo, integrante da Cia. Etc., desde 2004. Participou da Cie. *Marianne Isson*, entre 2001 a 2003, na cidade de Caen - Normandia (França).

o processo consciente, que diziam respeito às questões do corpo propriamente dito, era o que faltava.

Após algumas criações, como *Só...a Dois...*, *Mulher é água, um espaço a ser descoberto*, *Homem é incompleto*, *Rox*, *Xox*, *Fox* e *Must...Chuelo...*, descobri que existia uma fragilidade e inconsistência em alguns momentos da criação quanto à forma de abordar o corpo, pois meu anseio era unir o processo pedagógico ao processo criativo, entretanto eu ainda não tinha informações suficientes que desse suporte a minhas indagações. Nesse momento eu também não tinha consciência do quanto minhas questões demandariam debruçar-me no estudo anatômico, fisiológico e filosófico do corpo.

De certa forma algumas questões já permeavam minhas reflexões a respeito do movimento o que me levou a investir em um processo criativo na tentativa de montar um espetáculo onde a questão principal era: Do ponto de vista da qualidade, plasticidade e da estética, pensar em ossos (esqueleto humano) e no sistema de alavancas (articulações) muda o movimento?

Foi aí que, em meados de julho do ano de 2006, concorremos no edital do Rumos Dança Itaú cultural 2006/2007, com o projeto intitulado *Ossos*, na tentativa de emplacarmos nossa primeira criação aplicando alguns desses conceitos. Fomos pré-selecionados e participamos da programação dentro do Laboratório de Criação, no qual o foco principal era a Dramaturgia do Corpo. Com a ajuda dos orientadores – Vera Sala, Marcelo Evelin, Adriana Gehres e Paulo Paixão – foi possível entender um pouco mais o que pretendíamos com nossa investigação e perceber a importância da pele no processo. Neste momento, nosso processo se enveredou por duas vertentes, uma através do estudo do corpo do ponto de vista anatômico (que relatei, metaforicamente, aos ossos) e o outro, filosófico (que relatei, metaforicamente, à pele).

Começamos a aplicar a aula no cotidiano da companhia e, após alguns meses de trabalho, várias questões foram levantadas. Então percebemos que o conhecimento anatômico e fisiológico e o estudo filosófico do corpo seriam imprescindíveis para melhor aplicar os conceitos profícuos à aula, em benefício da criação, além do acompanhamento de profissionais capacitados das áreas de fisioterapia e filosofia. De modo que, em setembro de 2007, cumprimos temporada com o espetáculo *Corpo-Massa: Pele e Ossos* e fomos contemplados com o prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna, o que possibilitou a realização desta pesquisa.

## **A importância da pesquisa na *minha* dança**

Ponto de partida para uma nova criação, essa indagação me ajudou a conceber uma obra intitulada *Onde as borboletas não são mais freqüentes* que foi desenvolvida a partir de parcerias como a do Programa de Qualificação de Coreógrafos apoiado pela UFPE e Centro de Formação e Pesquisa das Artes Cênicas Apolo-Hermilo, que vem realizando ações a fim de iniciar e dar sustentabilidade a um Núcleo de Criação independente voltado para formação e pesquisa acerca da criação artística em dança contemporânea no estado de Pernambuco, sendo apresentada ainda como estudo coreográfico, onde o corpo se tornava palco, matriz e/ou cobaia, para criar possibilidades de aplicar uma parte de todo conhecimento adquirido, até o momento, dentro da pesquisa.

Passei a me servir de três elementos básicos, que fez parte constante de minhas reflexões, durante o processo criativo: ossos, articulações e pele. A partir de um estudo de movimento e coreográfico, me debrucei na “ação do bater de asas de uma borboleta” e como essa ação repercutia na “construção” e “desconstrução” de movimentos utilizando-me deste motivo para criar um repertório de movimentos que pudesse ser colocado a serviço da criação. Longe de uma relação antropomórfica, o foco seria o corpo e não a idéia, uma autobiografia do movimento, tudo que estava impregnado no corpo e precisava ser transmitido. As palavras já não eram mais suficientes para externar as impressões, elas precisavam ser colocadas à prova na prática.

O aprofundamento e a exploração do corpo humano como objeto de criação, serviu para abordar de forma particular e de prerrogativa para a construção do movimento e das frases coreográficas, considerando a poética do corpo através da percepção da pele. Portanto, as considerações, observações e discussões feitas em sala de aula, me serviriam de suporte para conceber minhas criações, fazendo do corpo *linguagem* e dos movimentos *significados*. Desse modo pude definir os elementos constituintes do movimento voluntário relevantes para a esta criação coreográfica e suas relações na constituição de sentido através do corpo.

A idéia figurativa que eu tinha era que pensássemos nas articulações como um sistema de “amortecedores a ar”. Outra imagem que me ajuda bastante atender

o movimento é a expressão “apoio que libera”, ou seja, quando estamos apoiados em uma parte do corpo, através da ressonância, libero uma e/ou outras partes do mesmo sistema. Dessa forma, fui descobrindo que meu vocabulário era repleto de imagens metafóricas e poéticas. Para que essas imagens viessem a se tornar eficazes quanto à transmissão do aprendizado e corroborassem com o ato criativo, eu deveria refletir sobre o significado de cada uma delas e de como essas informações seriam utilizadas como ferramentas para criação.

Considero que o ato pedagógico sempre esteve atrelado ao ato criativo. Dançar com os ossos, pele, apoio que libera, ar entre as articulações etc., todas essas imagens se tornaram concretas pra mim, a partir do momento que eu me apropriei delas, as utilizei como vocabulário para criar e descobri o significado delas, como função e não como forma. Meu corpo passou a se expressar através de uma dramaturgia, se locomovendo ou não no espaço, em movimento ou inerte. Descobri a importância do significar, da presença do corpo como espetáculo a serviço da criação.